

O GLOBAL E O REGIONAL NO FC BARCELONA (1988-1999)

Victor de Leonardo Figols¹

O *Dream Team* de Cruyff e os estrangeiros

Em maio de 1988, o FC Barcelona anunciou a contratação do treinador Johan Cruyff. O holandês já havia passado pelo clube catalão, atuando como jogador do FC Barcelona entre 1973 a 1978, nesse período conquistou um título da Liga Espanhola² (1974) e um da *Copa del Rey da España*³ (1978). O título da Liga Espanhola foi conquistado pelo Barcelona após 14 anos, esse feito foi tão significativo que o jogador ganhou o status de herói do clube catalão.

Cruyff iniciou um projeto de mudança no futebol do FC Barcelona. O treinador promoveu mudanças drásticas no plantel: alguns jogadores da base (Amor, Roura, Serer e Milla, todos espanhóis) subiram para o time principal e mais 13 jogadores foram contratados: Bakero, López Rekarte, Beguiristain, Soler, Valverde, Unzué, Goikoetxea, Julio Salinas, Eusebio, Serna, Aloísio e Manolo Hierro. Com exceção de Aloísio, que era brasileiro, todos os jogadores citados eram espanhóis, sendo que López Rekarte, Bergiristain e Julio Salinas eram de origem basca.

Do ponto de vista futebolístico, Cruyff reformulou não apenas o plantel, mas também o modo como a equipe jogava, isto é, de maneira ofensiva, trocando passes e com uma marcação forte, algo semelhante à experiência que o treinador vivenciou quando jogava pela Seleção Holandesa, na Copa do Mundo de 1974. O modo como os holandeses jogavam rendeu o apelido de Laranja Mecânica ou Carrossel Holandês para aquela equipe. Como treinador, Cruyff buscou jogar parecido com a Seleção da Holanda de 1974, equipe na qual fizera parte. Com um estilo de jogo baseado na ofensividade, na troca de passes e em uma

¹ É mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo-Escola de Filosofia Letras e Ciência Humanas (EFLCH), UNIFESP-campus Guarulhos, e é Bacharel em História (2013) pela mesma instituição. Atualmente é integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF).

² O campeonato espanhol também é chamado de *Primera División de España* ou *La Liga*. Campeonato de pontos corridos da primeira divisão do futebol espanhol, conta com 20 clubes.

³ Também chamado apenas de *Copa del Rey*. Campeonato de jogos eliminatórios com jogos de ida e volta. Atualmente conta com 83 equipes das quatro primeiras divisões da Espanha.

marcação forte, a equipe comandada pelo técnico holandês apresentou um bom futebol. O sucesso em campo refletiu nas arquibancadas, ainda no primeiro turno da Liga Espanhola, o FC Barcelona registrou um aumento de meio milhão de espectadores a mais em relação à temporada anterior (1987-1988).⁴

Mesmo jogando bem, o FC Barcelona não conquistou os títulos da Liga Espanhola, da *Copa del Rey de España* e da *Supercopa da España*⁵ daquela temporada. Mas por ter conquistado a *Copa del Rey* da temporada 1987-1988, o FC Barcelona poderia disputar a Recopa da Europa⁶. Na Recopa, o clube catalão chegou à final e venceu por 2x0 a Unione Calcio Sampdoria, da Itália. Foi o primeiro título que Cruyff conquistou no comando do FC Barcelona.

Na temporada 1989-90, o treinador do clube catalão pediu a contratação de dois jogadores estrangeiros. O FC Barcelona contratou o jogador holandês Ronald Koeman e o dinamarquês Michael Laudrup. Nesta temporada, o clube catalão não conquistou o campeonato (ficando em terceiro lugar), mas conquistou a *Copa del Rey*. Após vencer seu grande rival, o Real Madrid, por 2x0, se sagrou campeão. A conquista do título da *Copa del Rey* rendeu uma vaga na próxima Recopa da Europa.

Para a temporada seguinte, Cruyff pediu a contratação do jogador búlgaro Hristo Stoichkov, além de promover um jogador da base, o catalão Josep Guardiola. Apesar da presença de jogadores espanhóis e catalães, a primeira metade da década de 1990 foi marcada pela contratação de jogadores estrangeiros, mas, sobretudo, pelos títulos conquistados. O FC Barcelona conquistou quatro vezes o Campeonato Espanhol, de forma consecutiva, de 1990 a 1994, e três vezes a Supercopa da Espanha. Para além dos títulos nacionais, o time comando pelo técnico holandês conquistou pela primeira vez a Liga dos Campeões da Europa⁷, em 1992.

⁴ FINESTRES, Jordi. *El Dream Team i la primera Copa d'Europa*. In: SANTACANA, Carles (dir.). *Barça*, 110 anys fent història. Barcelona: Angle Editorial, 2010. p.190.

⁵ Dois jogo de ida e volta entre o campeão da Liga Espanhola e o campeão da *Copa del Rey*.

⁶ Era o segundo torneio mais importante entre clubes europeus. Disputado em jogos eliminatórios de ida e volta, participavam deste torneio os campeões das copas nacionais, por exemplo, o FC Barcelona assegurou participação neste torneio após conquistar a *Copa del Rey* da temporada 1987-1988.

⁷ Era o primeiro torneio mais importante entre clubes europeus. A Liga dos Campeões da Europa era um torneio organizado pela UEFA (União das Federações Europeias de Futebol). Disputado em jogos eliminatórios de ida e volta, participam clubes de futebol da Europa que haviam sido campeões nacionais na temporada anterior.

A final da Liga dos Campeões da Europa foi contra a Sampdoria, da Itália. No tempo normal, as duas equipes empataram em 0x0, foi apenas na prorrogação que o placar foi aberto. No 111º minuto, o holandês Koeman fez o gol que deu ao FC Barcelona seu primeiro título da Liga dos Campeões da Europa, título este muito almejado pelos catalães, uma vez que seu maior rival, o Real Madrid, já havia conquistado seis vezes.

Como aponta Jordi Finestres, o gol de Koeman faz parte do imaginário dos torcedores do FC Barcelona. Para o autor, o gol “*forma part de la memòria col·lectiva del barcelonismo*”.⁸ Nesse sentido, é possível dizer que o título continental conquistado pelo FC Barcelona passou a ser mais um marco histórico para o clube catalão. Assim, a conquista do título europeu significou a projeção do FC Barcelona – e consequentemente da Catalunha – não só para a Europa, mas para todo o mundo.

Portanto, o ano de 1992 é um dos mais emblemáticos para o clube, foi neste ano que o FC Barcelona conquistou seu primeiro título da Liga dos Campeões da Europa, entrando para o rol dos grandes clubes europeus. Neste mesmo ano, o FC Barcelona também disputou a Copa Intercontinental⁹, contra o São Paulo Futebol Clube. O clube catalão perdeu para o clube brasileiro por 2x1. Todavia, o título da Liga dos Campeões era mais significativo para o time europeu, uma vez que dava projeção não apenas continental, mas também global.

Durante os nove anos em que Cruyff treinou o FC Barcelona, o clube alcançou a sua fase mais vitoriosa de 1988 a 1994. E devido às grandes conquistas deste período, assim como ao bom futebol apresentado, que a equipe do FC Barcelona ficou conhecida como o *Dream Team*. A base do “Time dos Sonhos” do FC Barcelona era a seguinte: Zubizarreta, Ferrer, Koeman, Nadal, Barjuan, Guardiola, Amor, Bakero, Michael Laudrup, Hristo Stoichkov e Romário. Se observarmos a origem desses jogadores veremos que a equipe base era formada por um holandês, um dinamarquês, um búlgaro e um brasileiro. Por outro lado os demais jogadores eram de origem espanhola. Todavia, é necessário notar as comunidades autônomas de origem desses jogadores, assim temos três da Catalunha, um do País Basco, um das Ilhas Baleares, um da Comunidade Valenciana, e um do Reino de Navarra.

⁸ FINESTRES, Jordi. *op. cit.* p.199.

⁹ Torneio que era realizado em Tóquio, no Japão, com jogo único, reunia o campeão da Liga dos Campeões da Europa e o campeão da Copa Libertadores da América.

É interessante observar as origens dos jogadores que formavam o *Dream Team* do FC Barcelona, uma vez que percebemos um pequeno número de estrangeiros e de jogadores catalães, e um número considerável de jogadores de várias regiões da Espanha. Esse quadro mudaria a partir de 1996 com a Lei Bosman. A nova lei fazia com que os clubes deixassem de ganhar em uma eventual transferência do jogador ao término do contrato, tornando-o livre para negociar com outro clube, aumentando a circulação de atletas. Além disso, a Lei Bosman forçou a alteração na regra que limitava o número de estrangeiros nos clubes europeus pertencente à União Europeia. Em suma, a lei deu liberdade aos atletas que passaram a ter livre circulação na Europa, enquanto os clubes mais ricos viram um novo mercado se abrir, com a possibilidade de contratar jogadores de diferentes regiões do velho continente.

Foi a partir do futebol apresentado pelo *Dream Team*, acompanhado pelas várias conquistas, que o FC Barcelona entrou definitivamente no mercado mundial do futebol, tanto como uma “marca”, quanto como um clube de futebol conhecido e reconhecido no cenário europeu e mundial.

Em 1996, com a possível saída do presidente Núñez, Cruyff deixou o comando do clube catalão. Para substituí-lo, o FC Barcelona contratou o técnico Bobby Robson, todavia o inglês não conseguiu desenvolver seu trabalho, apesar de ter conquistado uma Supercopa da Espanha, uma *Copa del Rey* e uma Recopa da Europa. Robson deixou o clube catalão na temporada 1997-1998.

Já em 1997, Louis Van Gaal assumiu o comando do time catalão, e só sairia do clube em 2000. Valendo-se da Lei Bosman, o técnico holandês contratou muitos estrangeiros, principalmente de origem holandesa, e o crescente número de estrangeiros no time não foi muito bem assimilado pela imprensa, que passou a questionar se o clube era realmente da Catalunha.

Por fim, na última década do século XX, o FC Barcelona entrou definitivamente no mercado global do futebol, principalmente se observamos a contratação de jogadores estrangeiro. Entretanto, vale ressaltar que, até meados da década de 1990 os estrangeiros estiveram presentes no clube, técnicos e jogadores de diferentes nacionalidades passaram pelo clube, como por exemplo, o técnico holandês Rinus Michels que treinou o time na década de 1970, Cruyff que jogou no clube entre 1973 e 1978, ou o argentino Maradona que atuou no FC Barcelona por dois anos, de 1982 a 1984.

Entretanto, os estrangeiros ganharam mais espaço no clube a partir da presença de Cruyff, que além de colocar o FC Barcelona no cenário do futebol europeu, também buscou contratar jogadores de fora da Espanha. Outro fator importante é a Lei Bosman que facilitou a contratação de jogadores, sobretudo europeus, e permitiu que os clubes tivessem elencos com o número de estrangeiros igual ou maior ao de jogadores nativos.

O ano do centenário: o global e o regional no FC Barcelona¹⁰

A década de 1990 foi marcada pela mercantilização do futebol, e os clubes passaram a ser administrado com uma visão empresarial, em grande parte devido a grande circulação de capital, fruto do “*aumento do comércio do futebol nos clubes*”.¹¹ Em outras palavras, a mercantilização do futebol movimentou grandes quantias em dinheiro ao ponto dos clubes passarem a ser entendidos como empresa. Como aponta Richard Giulianotti, no início dos anos 90 o “*futebol mundial passou por um crescimento financeiro inédito*” e chegou ao final da década movimentando cerca de quatro bilhões de dólares.¹²

Entretanto, o FC Barcelona era uma exceção dentro do futebol desse período. O clube manteve sua inserção mercadológica baseada nos sócios e não exclusivamente em investimentos financeiros. Nesse período, o FC Barcelona já possuía mais de 100 mil sócios.¹³ Até então, os sócios do FC Barcelona eram a base econômica do time, era a partir da arrecadação dos carnês de sócios-torcedores que o clube catalão conseguia pagar boa parte das suas despesas, uma vez que o clube se recusava a aceitar um patrocinador em sua camisa. Entretanto, o clube destinava espaços do seu estádio para uso publicitário, como uma forma de levantar fundos.

Além disso, o clube havia acumulado um grande patrimônio, como por exemplo, o centro de treinamentos do clube, a base formadora de novos jogadores (*La Masia*), o centro

¹⁰ As questões levantadas nesse tópico fazem parte do projeto de pesquisas apresentado no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo-Escola de Filosofia Letras e Ciência Humanas (EFLCH), UNIFESP-campus Guarulhos.

¹¹ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. p. 116.

¹² *Ibidem*.

¹³ BARNILS, Ramon. [et. al.] *Història crítica del Futbol Club Barcelona (1899-1999)*. Barcelona: Editorial Empúries, 1999. p. 411.

esportivo e o *Camp Nou* (que fora reformado para a Copa do Mundo de 1982), um patrimônio calculado em mais de 10 milhões de pesetas.¹⁴

Na década de 1990, o FC Barcelona estava entre os cinco clubes europeus que mais movimentavam dinheiro, algo em torno de 40 milhões de libras esterlinas. Por outro lado, diferente dos clubes que foram adquiridos por empresários e/ou que venderam ações nas bolsas de valores,¹⁵ o FC Barcelona era basicamente sustentado economicamente pelos seus sócios. O clube catalão era uma exceção, todavia ainda assim estava inserido na lógica mercadológica do futebol, isto é, explorando economicamente sua imagem.

Deste modo, o clube completou 100 anos de vida sem patrocínios na camisa e sendo mantido, principalmente, pelos seus sócios. Apesar da diretoria e dos torcedores se orgulharem da condição econômica diferente do clube catalão, o FC Barcelona estava inserido no futebol globalizado e mercantil daquele período. Em 1999, a Espanha já fazia parte da Comunidade Europeia, o que facilitava a contratação de jogadores estrangeiros. Somado a esse fator, havia a Lei Bosman, que facilitava a contratação de jogadores, aumentando a circulação de atletas.

Em 1997, o clube catalão contratou o técnico Louis Van Gaal. O técnico holandês aproveitou a base do time montado por Cruyff no final dos anos 80, e contou com as contratações de jogadores estrangeiros, sobretudo holandeses. Por outro lado, a imprensa catalã e os jogadores espanhóis do elenco do clube não aceitavam muito bem a presença massiva de jogadores estrangeiros. Segundo o periódico *El Mundo Deportivo*, após a contratação de mais dois holandeses, “*el doble fichaje de los Hermanos De Boer ha provocado un cierto mal estar en el seno de la plantilla*”.¹⁶ Com a contratação dos irmãos Frank e Ronald De Boer, o clube somava oito holandeses, ao passo que dos 26 jogadores do elenco, apenas 10 eram espanhóis.

Ainda sobre a contratação dos irmãos holandeses, o periódico *La Vanguardia* publicou uma matéria com Kluivert que também era holandês. A matéria foi intitulada da seguinte forma: “*Kluivert asegura que es peligroso para el Barça tener tantos holandeses en el*

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ Como por exemplo, o AC Milan da Itália e o Manchester United Football Club da Inglaterra.

¹⁶ Grifo original. *Mundo Deportivo*, 16 de janeiro de 1999. p.8.

equip”¹⁷. Segundo o atacante do FC Barcelona, a “*holandización*” poderia criar uma expectativa ainda maior sobre os holandeses do elenco, fato que, em caso de derrota, geraria uma crítica muito maior sobre os holandeses do FC Barcelona do que sobre os demais jogadores do elenco. Além disso, Kluivert também afirmava que a presença massiva de holandeses no clube poderia dar a impressão de que o futebol espanhol e os jogadores espanhóis estariam em um nível inferior ao futebol da Holanda. No dia anterior, o *La Vanguardia* trazia uma pequena nota na qual noticiava que o muro em frente ao escritório do clube fora pichado com os dizeres: “*Menos tulipanes y más catalanes, Frank sí, Ronald, no*”.¹⁸

Nesse mesmo dia, encontra-se no periódico *ABC* uma crônica sobre a contratação dos jogadores holandeses, em que o autor narrou uma suposta reação dos torcedores do FC Barcelona. Em um trecho, que simula a fala de um torcedor do FC Barcelona, é possível ler: “[...] *el Barcelona ha dejado de ser <<más que un club>> para transformarse en el club-colonia de Holanda*”.¹⁹

Deste modo, é possível notar uma tensão entre o global e o regional. O caráter global que o clube assumiu contratando jogadores estrangeiros, somado com a crescente mercantilização do clube, entrou em conflito com a identidade catalã do clube. Tal identidade foi historicamente construída ao longo dos quase cem anos do clube, e que havia ganhado força, principalmente, no final da ditadura de Francisco Franco.²⁰

Ainda que não fosse publicamente exposto, esse desconforto aparecia principalmente na imprensa, que em alguns momentos chegou a questionar se o FC Barcelona era mesmo um clube catalão. Em outras palavras, na medida em que o clube se tornava mundialmente conhecido e contratava jogadores das mais diferentes regiões do globo, existia certo desconforto por parte dos jogadores espanhóis pela perda de espaço no elenco do FC

¹⁷ *La Vanguardia Española*, 17 de janeiro de 1999. p.56.

¹⁸ *La Vanguardia Española*, 16 de janeiro de 1999. p.27.

¹⁹ *ABC*, 16 de janeiro de 1999. p.80.

²⁰ FIGOLS, Victor de Leonardo. *Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. 2013. 63 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013. Ver também: FIGOLS, Victor de Leonardo. “Barça, més que un club – dimensões sociopolíticas do futebol clube Barcelona”. *Revista Tempo Brasileiro*, jan-mar. – nº184 -2011- Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ed. p.363-372.

Barcelona, além disso, também era questionado o *catalanismo*²¹ que o clube carregava consigo e que havia construído historicamente.

Isso fica evidente na coluna do jornalista Francesc Aguilar, na qual afirma que “*el Barça carece cada día más [de] gente de casa*”. Aguilar ainda completa: “*Cada barcelonista sueña con que su hijo, su sobrino o nieto pueda jugar algún día en el Barça. Es un sueño que pasaba de generación en generación*”. E por fim, termina a coluna fazendo uma crítica as contratações dos jogadores estrangeiros: “*Quizá ha llegado la hora de cambiar el ‘més que un club’ por el lema de ‘algo más que una empresa’*”.²² Aqui o jornalista brinca com o *slogan* do clube – a frase *més que un club* – que em seu significado primário buscava demonstrar a dimensão extradesportiva do clube, principalmente como elemento de resistência catalã à ditadura de Francisco Franco. Para o jornalista, a frase “*algo más que una empresa*” era mais coerente, uma vez que demonstrava a inserção do clube na lógica mercadológica do futebol.

Seguindo a ideia de que o clube era *algo más que una empresa*, observa-se que 1998 o presidente Nuñez passou a negociar diretamente os direitos de imagem com as emissoras de televisão interessadas. A intensão do presidente era “*fer més diners mitjançant la criació de productes exclusius que seran venuts a altres mitjans – televisions per cable –, que permetrà l’entrada del Barcelona en el negoci de la televisió per pagament*”.²³ Nesse sentido, é possível dizer que as intenções de vender os direitos de imagem dos jogos e de explorar a marca do clube estendia para além da Catalunha ou da Espanha, o FC Barcelona entrava definitivamente no mercado mundial, vendendo os jogos no sistema *pay per view* das televisões a cabo. Mais tarde, em 1999 o clube lançou a *Barça TV*, que nada mais é do que um canal de televisão a cabo com conteúdo exclusivo do FC Barcelona.

As constantes referências à Catalunha em meio à globalização do clube podem ser vistas como uma perda de identidade. Como sugere Manuel Vázquez Montalbán:

Tal vez bajo el peso de Centenario, el Barça recupere parte de su identidad, de la que hoy sólo conserva los colores de las camisetas y la complicidad de sus seguidores con un imaginario a todas luces desvirtuado.²⁴

²¹ Sobre *catalanismo*, entende-se que é um conjunto de questões que dizem respeito ao nacionalismo catalão.

²² *Mundo Deportivo*, 24 de janeiro de 1999. p.3.

²³ Tradução nossa: “Ganhar mais dinheiro com a criação de produtos exclusivos para serem vendido em várias mídias – televisão a cabo – permitindo a entrada do Barcelona no negócio de televisão paga”. BARNILS, Ramon. *et al. op. cit.* p. 372.

²⁴ MONTALBÁN, Manuel Vázquez. *Apud*: BARNILS, Ramon. *et al. op. cit.* p. 383.

Nesse sentido, Richard Giulianotti demonstra que “a globalização do futebol e a circulação de capital internacional de esportes causaram a erosão de muitas dessas peculiaridades culturais”.²⁵ Para além do aumento da circulação de jogadores estrangeiros, Giulianotti aponta que a erosão pode ser observada na “privatização” dos clubes, sobretudo os ingleses, que passaram a pertencer não apenas a acionistas, mas também a empresas, ou até mesmo a um único dono. Os novos mandatários dos clubes, normalmente, eram de regiões sem nenhuma ligação com o local de origem do clube, e muitas vezes os clubes eram comprados por milionários do leste europeu, da Ásia ou dos Estados Unidos. Acompanhado a isso, existiu a mercantilização do futebol e comercialização do clube, que alterou a relação entre torcedor-clube transformando-a em relação consumidor-marca. Essa mudança da relação também pode ser atribuída ao papel da televisão que contribuiu para a difusão e consolidação das marcas (dos clubes) em novos territórios comerciais.

Já Paulo Miranda Favero entende que: “a globalização é contra o futebol: ela aniquila as escolas nacionais, por causa da grande circulação de atletas de diferentes nacionalidades, esvazia as periferias de jogadores e os concentra em clubes transnacionais.”²⁶ Pensar na chave proposta por Giulianotti e Favero implica entender que o regionalismo e a globalização estão em conflito constante. Assim, a globalização extingiria as particularidades regionais.

Por outro lado, a crescente globalização do clube pode ser vista em outra chave. Pablo Alabarces demonstra que os clubes possuem dimensões locais, e que devido à globalização do futebol existe sempre uma relação conflituosa entre o local e o global, entretanto, segundo o autor, “as tendências esportivas locais seguem muito poderosas, e obrigam continuamente a reescrever o relato global do futebol”²⁷. Nesse sentido, Alabarces cita o caso atual do FC Barcelona:

E a suposta globalização de uma equipe como o Barcelona, onde jogam Messi, Alves, Sánchez e Iniesta, não pode desvincular-se do funcionamento tribal da equipe catalã: apesar de suas tradições holandesas e suas estrelas globais, o Barcelona não pode, nem deseja, deixar de ser o símbolo de uma identidade local: a representação regional catalã perante o centralismo do estado espanhol.²⁸

²⁵ GIULIANOTTI, Richard. *op. cit.* p.116.

²⁶ FAVERO, Paulo Miranda. *Globalização, mercantilização e geopolítica do futebol*. 2006. 61 f. Monografia (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p.56

²⁷ ALABARCES, Pablo. *Futebol e globalização: as formas locais das mercadorias globais*. Bauru: revista faac, v. 1, n. 2, out. 2011/mar. 2012. p.196.

²⁸ *Idem*. p.199.

Sendo assim, nesse processo de globalização, o clube aceitou e buscou se internacionalizar, ao mesmo tempo em que buscava passar a imagem de exceção à globalização, além explorar a sua identificação com a Catalunha. Nessa perspectiva o choque entre a dimensão global que o clube ganhou e as suas particularidades regionais implicam em uma ressignificação das dimensões do clube.

Em suma, o que se pretende estudar é a globalização do futebol em relação ao regionalismo/nacionalismo catalão presente no FC Barcelona. Para tanto, entende-se que as antinomias e contradições promovidas por este choque entre a globalização e o regionalismo resultaram em uma ressignificação não apenas da dimensão regional, mas também da dimensão global que o clube buscou representar.

Periódicos consultados

ABC, 16 de janeiro de 1999.

El Mundo Deportivo, 16 de janeiro de 1999.

El Mundo Deportivo, 24 de janeiro de 1999.

La Vanguardia Española, 17 de janeiro de 1999.

La Vanguardia Española, 17 de janeiro de 1999.

Referências Bibliográficas

ALABARCES, Pablo. *Futebol e globalização: as formas locais das mercadorias globais*. Bauru: revistafaac, v. 1, n. 2, p. 195-200, out. 2011/mar. 2012.

FAVERO, Paulo Miranda. *Globalização, mercantilização e geopolítica do futebol*. 2006. 61 f. Monografia (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. *Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol*. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FIGOLS, Victor de Leonardo. *Barça, més que un club: o FC Barcelona durante o Franquismo (1968-1969)*. 2013. 63 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

_____. “Barça, més que um club – dimensões sociopolíticas do futebol clube Barcelona”. *Revista Tempo Brasileiro*, jan-mar. – nº184 -2011- Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ed. p.363-372.

_____. *O FC Barcelona: més que un club*. Ludopédio: Arquibancada 28/02/2012. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/901>>; Último acesso em 20 de fevereiro de 2014 às 18h15.

_____. *Blaugrana mecânico: a (r)evolução tática do FC Barcelona*. Ludopédio: Arquibancada 28/11/2012. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/1183>>; Último acesso em 20 de fevereiro de 2014 às 18h20.

_____. *Johan Cruyff: um holandês quase catalão* 22.05.2013. Ludopédio: Arquibancada 22/05/2013. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/1397>>; Último acesso em 20 de fevereiro de 2014 às 18h25.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

_____. “Globalização cultural nas fronteiras: o caso do futebol escocês”. Editora UFPR: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, p. 41-64, 2003.

GIULIANOTTI, Richard & ROBERTSON, Roland. *The globalization of football: a study in the glocalization of the ‘serious life’*. Londres: *The British Journal of Sociology*, v. 55, Issue 4, 2004.

TORRES, Carles Santacana (dir.). *Barça, 110 anys fent història*. Barcelona: Angle Editorial, 2010.